

# SOBRE VOZ DAS COISAS

OTACÍLIO COLARES

Meu fraterno amigo e alto poeta  
Linhares Filho

Antes de tudo, meus agradecimentos pela oportunidade que me proporcionou sua nobreza, dando-me, como ora me dá, o ensejo de falar, ainda e sempre, sobre poesia.

Sim, porque sou daqueles que, na proporção em que os anos passam, na aparência agredindo com a materialidade cada vez maior do comportamento das massas, mais se alcandoram no ideal de que a beleza existe, é necessária e fundamental.

Mas, aqui não estou para expender conceitos gerais, que todos temos sob nossas vistas este seu belo e por vezes contundentemente belo livro de poesias que sua sensibilidade, muito apropriadamente, intitulou *Voz das coisas*.

A muitos, de visão aligeirada, parecerá despiciendo de força esse título, que eu reputo magnífico, com o aproveitamento que fez, ao longo de tantos poemas, de certas manifestações materiais que a sua poética transformou em essência, transmudando, no geral, pelo filtro das lembranças, o que é real e conseqüente no que é infável e que alicia e comove.

Seu precioso livro você o dividiu em três estágios emocionais, ou seja, a *Voz das coisas* - do espaço, do inespço e da vida e da morte, numa abrangência que não deixa dúvida, quanto ao sentido universalizante que presidiu a fatura de cada poema, muito embora haja, latente, em todos eles, aquilo que chamaremos a raiz telúrica, o sentido, alegre ou triste, do poeta ligado ao seu chão e à sua grei.

Para que sintamos, todos, o que são as *coisas* que constituem o magma de seus poemas, neste livro que com prazer apadrinho, procuraremos defini-las, não por nós mesmos, antes, por alheia sabedoria.

Lá está no meu tão amado e permanentemente consultado Frei Domingos Vieira: *Cousa* ou *coisa*, substantivo feminino. Do latim *causa*. Tudo o que é inanimado, e, numa acepção generalíssima, tudo o que existe, existiu e pode existir; aquilo de que se trata, objeto, assunto.

Foi nessa grandiosidade, diremos, psíquica da forte palavra que o poeta mitigado e consciente, que é Linhares Filho, foi buscar a energia anímica que emana do encadeamento de suas palavras transformadas em versos pelos ritmos, que ele os tratou num leque amplíssimo de utilizações, na conformidade dos estados d'alma em que laborou.

Com relação à palavra *coisa*, lá está ela nos documentos mais antigos do cristianismo; exemplo, o que diz o Catecismo: "Non furtes nẽ huma cousa do alheio nem per onzenas nẽ per ma guanças". Para continuar: "E depois que perde

a dulcidão da paz, não a farta nem huma *cousa* senon choro e pesar da tristeza que se segue da turbação".

E, saindo do religioso para o didático, lá está nas proibidas ensinanças do *Leal conselheiro*, de D. Duarte: "Por abc entende-se os princípios mais elementares de qualquer *cousa*. E agora temos a palavra em toda a esplendência de sua força espiritual, na frase de Fernão Lopes, na sua famosa *Crônica de D. Pedro I*: "Que *cousa boa* que El-Rei possa fazer segundo os santos escrevem." E logo mais: "E por esto vossa real maiestade averá nós e nosso comum aparelhados de ledó coração a todallas *cousas* que lhe forem prazíveis."

Sintamos, porém, em complementação, a extraordinária vitalidade da aparentemente simples mas milagrosa palavra, na sextilha de El-Rei D. Dinis, ressumante de desolação amorosa:

"Mais Deus! que *grave cousa* d'endurar  
Qu'a mi será hir me d'u ela for,  
Ca sey mui bẽ que nunca possa achar  
*Nẽnhuma cousa* ond'aja sabor  
Senõ da morte, mais avrei pavor  
De m'ha non querer deus lâ cedo dar."

São assim, desse teor de variada gama as *coisas* a cujas vozes o poeta Linhares Filho emprestou ao máximo a força de uma sensibilidade que se lhe revela imanente, se bem que contida, desde suas primeiras incursões, com a coletânea intitulada *Sumos do tempo*, datada de 1968, à qual sucederia, no mesmo ano, dele em parceria com outros jovens - *Sinantologia*, cujo título, em sua composição, alude ao grupo SIN, que teria sido o continuador da obra renovadora do Grupo de CLÃ, se tivéssemos já encostado a ferramenta, nós todos, os que o compusemos, nos agitados dias da luta aberta contra o marasmo provinciano, nós que estamos ainda em plena atividade criadora, agora como antes, prontos a incentivar os jovens que nos procuram, ainda meio inseguros em seus vãos, no campo por vezes enganoso da atividade artística.

Estamos a ater-nos à poesia de Linhares Filho, mas é justo não esquecer nele o hábil e percuciente crítico literário que, cada dia que passa, mais se evidencia atento esmerilhador. Prova desta constante atividade de analista, o conjunto valioso que já pode ostentar nesse difícil campo, com os seguintes títulos: *Linguagem e filosofia de Machado de Assis*, *Dimensões literárias de Graciliano Ramos e José Lins*, *Eça de Queirós contista*, e, mais recentemente, apresentada neste mesmo salão por mestre Moreira Campos, *A metáfora do mar no Dom Casmurro*.

Aos aqui presentes vai caber o prazer de fruir a sensibilidade do poeta, cada um a seu modo, sentindo a força da *voz das coisas* que despertaram no poeta os vários estados emocionais. Mas não fugimos à citação de alguns desses

momentos, ressumantes de expressão íntima, em versos como os deste mini-poema intitulado:

#### DA CONQUISTA ESPACIAL

*Ontem, universais metamorfoses  
na voz de Ovídio Naso.*

*Hoje, sob o comando da NASA. . .*

*No velocímetro a certeza  
do antecipado encontro:*

*o futuro num salto*

*ou em simples passada*

*espaçada.*

*Em nossos olhos o sobressalto.*

*Supervelocidade vence o tempoespaço  
sobre cavalos-vapor,*

*para que o futuro nasça (nasa)*

*como de um parto sem dor.*

Há, realmente, diluído nesses versos de uma arritmia certo proposital, um decidido tom epigramático, no encadeamento das universalmente conhecidas *Metamorfoses* do poeta latino Ovídio, do Século I antes do Cristo, e que era cognominado Naso por via de um seu parente, de exagerado porte nasal, com as outras transformações a que o mundo ora está sujeito, sob o comando da NASA, sigla internacional responsável pelas grandes conquistas espaciais hodiernas.

Mas, leiamos, de Linhares Filho, um poema do que ele chama o estágio do *Inespaço*, ou seja, das coisas que existiram no tempo recuado e que ele revive, redimensionando no intemporal da memória. Como neste, ao nosso ver, antológico.

#### MOMENTO

*Esses bois remoendo um sonho antigo,  
essas pedras calando o meu segredo,  
esse canavial gemendo o enredo  
de um amor que não teve um doce abrigo.*

*Essas moitas chorando o meu degredo,  
essa moenda lembrando o meu castigo,  
essas flores a abrir cálice amigo  
para um amor que feneceu tão cedo.*

É, sem favor, no seu ritmo à moda de antigamente, direi mesmo do melhor Camões bucólico de *soblos rios*, um dos mais expressivos e cantantes poemas do lado inespaçial do poeta.

Agora, para fecho das poucas citações da poesia que, logo mais, todos irão ter em mãos, este poema de metro vário que o autor, com muito propósito, chamou

#### POEMA DE RECUPERAÇÃO

*Não quero passar pela vida  
como quem a amaldiçoa.  
Por isso preparo o meu canto  
de louvor ao tempo  
que constrói o sempre  
e às coisas todas saídas  
da saliva de Deus.*

*Devo deixar antes o consolo  
em cada flor  
que o desespero  
em cada beco.*

*Ai de nós, homens, que não  
sabemos esperar,  
que não sabemos  
ter a justa dimensão do efêmero.*

Assim, senhoras e senhores, é a alta poesia de Linhares Filho, um dos que, em jovem, nos buscava, a nós, os de CLÁ, para as conversas, as discussões, e a final palavra estimulante. O Linhares que, aluno ainda de nossa velha Faculdade de Letras da Universidade Federal do Ceará, já se nos revelava o mestre em potencial que, agora, com láureas mais que justas, integra o corpo de professores da citada instituição, ele que é, sem favor nenhum, um dos mais representativos valores das nossas letras e que, sabiamente, por meio de seus versos sempre altiloqüentes, nos faz despertos para ouvir a inefável voz das coisas. . .